

## HIP HOP: conceito e história

Vania Malagutti Fialho

O hip hop teve seu início no final da década de 1960, no bairro de Bronx, em Nova Iorque nos Estados Unidos da América (EUA). Surgiu como um movimento artístico-político que visava a modificação da realidade daquele local. Nessa época os EUA vivia o momento pós-industrialização, onde a maior parte da mão-de-obra foi substituída por máquinas e a construção de fábricas e grandes avenidas tornaram-se prioridade do governo. Com isso muitos operários foram demitidos de seus trabalhos, logo que uma máquina fazia o serviço de dezenas de homens. A exigência começou a ser por funcionários qualificados, que soubesse operar os maquinários e a interagir com a tecnologia e novos meios de comunicação.

A cultura *Hip Hop* é um estilo de vida. É viver de forma diferente, interessante e produtiva. No Hip Hop tem aquela coisa de união, de um ajuda o outro, de dar uma força. Fazer parte da cultura *Hip Hop* é como fazer parte de uma família mesmo. (DJ Nezo)

SOUZA, J.; FIALHO, V.; ARALDI, J. *Hip Hop da rua para escola*. Porto Alegre, Sulina, 2008, p. 13.

Essa realidade fez com que muitos moradores especialmente do bairro do Bronx, predominantemente de negros, ficassem desempregados. Essa situação se agravou quando uma via expressa – Cross-Bronx-Expressway – foi construída cortando o bairro, desvalorizando e desapropriando imóveis. Isso fez com que houvesse uma concentração de pessoas nas áreas periféricas do Bronx, sem as condições mínimas de infra-estrutura, lazer, escola e trabalho. Instalou-se o caos.

Esse contexto “acentuou as diferenças sociais, elevou a discriminação racial e favoreceu o acesso à criminalidade e às drogas” (Souza, Fialho e Araldi, 2008, p. 17). Isso gerou um aumento de gangues e guerrilhas, que lutavam entre si pela sobrevivência, disputando comida, moradia, roupas.

Em contrapartida muitos jovens organizavam festas, tocando, cantando e dançando nas ruas de Bronx. Essas festas faziam um contraponto ao contexto sangrento e começou a ser uma forma pacífica de lidar com a revolta e as dificuldades instaladas no bairro. Os jovens começaram, então, a propor que as batalhas corporais e criminosas por alimentação, tênis ou espaço para morar, fossem substituídas por batalhas artísticas. Eles se desafiavam na dança, na música ou nas pinturas em muros, buscando a melhor performance. O vencedor levava o prêmio em jogo, normalmente algo para sua sobrevivência. O perdedor treinava mais e voltava dias depois ao desafio.

Isso fez com que houvesse uma gradativa troca das lutas armadas, por festas competitivas. Essas festas começaram a ganhar força e os jovens foram organizando as competições e modalidades por expressões artísticas:

- a dança quebrada e robótica – o break dance,
- o instrumentista com seu toca-discos – o DJ,
- cantor de rimas e animador da festa, o mestre de cerimônia – o MC, que junto com o DJ compõe o RAP, que é a abreviação de *rhythm and poetry* (ritmo e poesia),
- os responsáveis pelo visual plástico, pintando as paredes e murais – o grafite.

À junção desses quatro elementos artísticos deram o nome de Hip Hop, que traduzido significa “balançar os quadris”. Simultaneamente as expressões artísticas, foram constituindo também um jeito único de se vestir, falar e de se comportar. Começaram a tomar uma “atitude” frente ao tumulto urbano em que viviam. Começaram a denunciar nas letras das músicas as condições precárias do bairro. A noite quando Nova Iorque dormia, iam as estações de metrô e grafitavam os trens de ferro com suas mensagens e pedidos de socorro. Pela manhã os trens levavam os *outdoors* da periferia para o centro da cidade.

A necessidade de serem ouvidos pelas autoridades os mobilizaram a irem ao coração de Nova Iorque, onde montavam seus equipamentos nas esquinas, com energia dos postes públicos, e lá, artisticamente, denunciava a carência do seu povo. Mostravam, por meio da arte, o desemprego, as condições de saúde, educação e moradia, o narcotráfico e o crime. Buscavam uma solução política e social para experiências reais em que se encontravam.

Com isso, nas palavras de Souza, Fialho e Araldi (2008, p. 18) “as batalhas artísticas, juntamente como estilo próprio de se vestir e de existir, foram elementos norteadores para que o hip hop buscasse a autovalorização dos jovens negros americanos”. Dessa forma, “mais que diversão e moda, o hip hop constitui-se em um movimento antiviolença, antidrogas e antiexclusão”. Esses jovens “lutava pela ascendência do negro que estava em uma situação de exclusão econômica, educacional e racial. Através de atividades culturais e artísticas, buscava refletir e transformar a realidade em que viviam”.

Nesse sentido, hip hop se consolidou como forma de protesto que busca melhorias ao excluído social. Esse jeito de fazer política e reivindicações, fez do hip hop uma manifestação que ultrapassou as fronteiras dos EUA e atualmente se faz presente em praticamente em todas as periferias urbanas do mundo.

## PARA SABER MAIS

Fonte: FIALHO, Vania; ARALDI, Juciane. Fazendo rap na escola. In: *Música na Educação Básica*. V. 1, n. 1, ABEM, Porto Alegre, 2009. p. 82.

ANDRADE, Elaine Nunes de (org.). *Rap e educação, rap é educação*. São Paulo, Summus, 1999. O livro reúne artigos com resultados de treze pesquisas acadêmicas, refletindo sobre o hip hop e a juventude paulista. Essa publicação tem sido referência para pesquisas realizadas no Brasil, envolvendo hip hop e escola.

TONI, C. (org.) *Hip Hop a lápis: o livro*. Editora Anita Garibaldi, São Paulo, 2006. O livro reúne os principais textos que foram publicados na seção Hip Hop a Lápis do portal Vermelho. A coluna é publicada nas sextas-feiras no endereço [www.vermelho.org.br/cultura](http://www.vermelho.org.br/cultura).

DAYRELL, Juarez. *A Música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Coleção Humanitas, UFMG, 2005.

Publicação da tese de doutorado do autor, que pesquisou grupos de rap e funk em Belo Horizonte - Minas Gerais. Os resultados discutem o papel que as práticas musicais adquirem no processo social que os constituem como sujeitos.

CONTADOR, Antonio Concorde; FERREIRA, Emanuel Lemos. *Ritmo e poesia: Os caminhos do rap*. Lisboa, Assírio e Alvim, 1997.

Retrata uma pesquisa realizada em Portugal, com enfoque nos aspectos históricos do hip hop e suas transformações. Já é considerada uma obra clássica.

LOURENÇO, Mariane L. *Cultura, Arte, Política e o movimento Hip Hop*. Curitiba: Chain, 2002.

O livro é resultado de uma dissertação de mestrado. Faz uma abordagem conceitual do Hip Hop e seus elementos, contextualizando seus princípios filosóficos.

SOUZA, Jusamara; FIALHO, Vania; ARALDI, Juciane. *Hip Hop: da rua para a escola*. 3. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.

O livro foi organizado a partir de duas dissertações de mestrado em música, desenvolvidas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O livro é destinado para a educação básica e conta com 23 capítulos independentes, que tratam de temas como: conceito e histórico do hip hop; papel social do rap; Freestyle – o repente urbano; composições de letras e bases para o rap.

### Sites

<http://centralhiphop.uol.com.br>

<http://www.hiphopdosul.com.br/>

<http://realhiphop.com.br/>

<http://www.centraldorap.com/>

<http://www.battlesounds.com/>

<http://culturahiphop.uol.com.br/>

<http://www.zulunationbrasil.com.br/>

**Referências Bibliográficas:**

FIALHO, Vania; ARALDI, Juciane. Fazendo rap na escola. In: *Música na Educação Básica*. V. 1, n. 1, ABEM, Porto Alegre, 2009.

SOUZA, Jusamara; FIALHO, Vania; ARALDI, Juciane. *Hip Hop da rua para escola*. Porto Alegre, Sulina, 2008.